

Guerra Fria: Afinal, quem venceu a Guerra Fria?

Quais foram os principais aliados dos Estados Unidos durante a Guerra Fria?

Basicamente foram os países da Europa Ocidental, dentre os quais aqueles que foram beneficiados pelo Plano Marshall, o plano de ajuda econômica proposto pelo general George Marshall, então secretário de Estado norte-americano, para a reconstrução desses países após o término da Segunda Guerra. Entre esses países, podemos destacar o Reino Unido, a França e a Alemanha Ocidental, a Bélgica e a Holanda. Os Estados Unidos e esses países firmaram em 1949 uma aliança político-militar, a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte).

E quais foram os principais aliados da União Soviética?

Foram basicamente os países da Europa Oriental que estiveram sob a ocupação nazista durante a Segunda Guerra e que tiveram as forças nazistas expulsas pela chegada do exército soviético. Em 1955, a União Soviética criou uma organização militar para a defesa dos países socialistas. Faziam parte dessa organização a Alemanha Oriental, a Polônia, a Tchecoslováquia, a Hungria, a Romênia, a Bulgária e a Albânia.

E a Iugoslávia? Ela não era um país socialista?

A Iugoslávia foi o único país socialista do leste europeu a se recusar a fazer parte do Pacto de Varsóvia. Isso se devia ao fato de a Iugoslávia ter sido o único desses países a não se tornar fantoche da União Soviética: na Iugoslávia, os nazistas foram expulsos pela própria resistência iugoslava, e quem implantou o socialismo nesse país foi o Marechal Tito, principal líder dessa resistência, que governou o país durante décadas.

O que significa "Terceiro Mundo"?

A expressão "Terceiro Mundo" surgiu na Conferência de Bandung, na Indonésia, em 1955. Os 29 países que participaram dessa conferência eram, em sua maioria, africanos e asiáticos. Eles deram a si próprios o nome de "Terceiro Mundo", queriam dizer que queriam defender os seus próprios interesses, preferindo permanecer neutros na Guerra Fria. Ou seja, não queriam estar alinhados nem com o Primeiro Mundo (o bloco liderado pelos Estados Unidos) e nem com o Segundo Mundo (o bloco liderado pela União Soviética). Os principais líderes do Terceiro Mundo eram Nehru, da Índia, Nasser, do Egito, e o marechal Tito, da Iugoslávia. Com o passar do tempo, a expressão "Terceiro Mundo" ganhou um novo sentido, o de conjunto dos países pobres e em desenvolvimento.

O que foi o Muro de Berlim?

Como sabemos, soviéticos, norte-americanos, ingleses e franceses (no caso, a resistência francesa liderada pelo general De Gaulle, que era contra a ocupação nazista) foram aliados contra a Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. No final da guerra, a Alemanha foi ocupada pelos Aliados. O lado ocidental foi ocupado pelos exércitos inglês, francês e norte-americano. O lado oriental foi ocupado pelo exército soviético. O nazismo deixou de existir nos dois lados da Alemanha, mas o país foi dividido em dois: a Alemanha Ocidental, capitalista, e a Alemanha Oriental, onde foi implantado o socialismo. A capital alemã Berlim também foi dividida em Berlim ocidental e Berlim oriental. A união Soviética ordenou a construção de um muro - o Muro do Berlim - separando as duas partes de Berlim, alegando que milhares de alemães orientais fugiam para o lado ocidental, ao mesmo tempo que moedas e mercadorias contrabandeadas faziam o caminho inverso. Famílias foram separadas e o muro de Berlim, apelidado de "muro da vergonha" tornou-se o símbolo da Guerra Fria.

Como conviviam as duas Alemanhas?

As duas Alemanhas tiveram desenvolvimento, mas a Alemanha Ocidental conheceu um desenvolvimento bem maior que a Alemanha Oriental, o padrão de vida dos alemães ocidentais era muito mais confortável que o dos alemães orientais. Além disso, apesar do muro, milhares de alemães orientais continuaram tentando fugir para a Alemanha ocidental, arriscando suas próprias vidas (os guardas do lado oriental podiam disparar nas pessoas que tentavam fugir). A situação ficou insustentável e o governo da Alemanha oriental iniciou uma série de reformas. Em 9 de novembro de 1989, o muro foi derrubado por alemães dos dois lados. Depois da queda do muro, os governos das duas Alemanhas começaram as negociações para reunificar o país, ou seja, para os dois países voltarem a ser uma só Alemanha, capitalista e democrática. Isso ocorreu em 3 de outubro do mesmo ano.

Quem venceu a Guerra Fria?

Antes mesmo da sua extinção, a União Soviética não conseguiu vencer a concorrência com os Estados Unidos. Uma das principais razões para essa derrota foi o fato de que para competir com os Estados Unidos, a união Soviética gastava grande parte do seu orçamento com gastos militares enquanto faltava dinheiro em outras áreas. Os Estados Unidos tinham grandes empresas particulares que competiam entre si, investindo na qualidade de seus produtos, especialmente bens de consumo (automóveis, eletrodomésticos...). A União Soviética tinha empresas estatais (pertenciam ao Estado), onde o emprego dos trabalhadores estava garantido, mas que pela falta de competição não investiam na qualidade dos seus produtos. Além disso, a União Soviética priorizava as indústrias de base (matérias-primas, equipamento para fábricas...) e não a produção de bens de consumo.

Então, o capitalismo venceu?

Muitos analistas acreditam que a vitória do capitalismo não pode ser entendida como uma derrota definitiva do socialismo. Para esses analistas, o que acabou foi o tipo de socialismo implantado na União Soviética e no leste europeu, que seria, na verdade, um "capitalismo de Estado", uma distorção dos ideais socialistas.

Guerra Fria: O que estava em jogo no conflito entre EUA e URSS

Durante a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos e a União Soviética foram aliados na luta contra a Alemanha nazista. Derrotado o inimigo comum, os antigos aliados se transformaram em adversários. Assim, com o término da Segunda Guerra Mundial, em 1945, tinha início uma guerra nova e diferente: a **Guerra Fria**.

Por que a Guerra Fria foi diferente?

Diferente porque as duas superpotências jamais se enfrentaram num conflito militar direto, jamais se enfrentaram numa "Guerra Quente". Daí o conflito entre as duas superpotências ter recebido o nome de "Guerra Fria". Apesar de toda a hostilidade que havia entre as duas superpotências, os dois lados sabiam que uma guerra total, isto é uma guerra em que cada potência utilizasse todos os seus recursos, seria uma guerra sem vencedores e uma ameaça à própria continuidade da espécie humana no planeta. Afinal, o monopólio norte-americano da bomba atômica não durou muito tempo. Em agosto de 1949, a União Soviética detonou sua primeira bomba atômica.

Qual a característica mais marcante da Guerra Fria?

Uma das características principais foi transferir os conflitos militares para áreas periféricas do mundo. Ou seja, norte-americanos e soviéticos se envolveram em guerras localizadas em outras partes do mundo como África, Ásia e América Latina. Exemplos dessas guerras foram a intervenção norte-americana no Vietnã, durante as décadas de 1960 e 1970, a intervenção soviética no Afeganistão, final dos anos 1970 a meados dos anos 1980 e o envolvimento direto ou indireto dessas superpotências em praticamente todas as guerras no Oriente Médio, especialmente a luta entre palestinos, apoiados pela União Soviética, e israelenses, apoiados pelos norte-americanos.

Por que os Estados Unidos e a União Soviética eram adversários?

A rivalidade entre as duas superpotências tinha origem na incompatibilidade entre as ideologias defendidas por cada lado. Essa incompatibilidade ideológica podia ser percebida no fato que cada superpotência tinha um sistema político diferente e organizava sua economia de modo diferente da outra. Enquanto os Estados Unidos defendiam o capitalismo, a democracia, princípios como a defesa da propriedade privada e a livre iniciativa, a União Soviética defendia o socialismo e princípios como o fim da grande propriedade privada, a igualdade econômica (um a sociedade sem ricos e pobres) e um Estado forte capaz de garantir as necessidades básicas de todos os cidadãos.

Essas ideologias vigoravam de fato nas duas superpotências?

Havia muitas contradições entre o discurso e as práticas de cada superpotência. De um lado, os Estados Unidos apresentavam-se como defensores da liberdade e da democracia, mas para combater o socialismo, apoiaram ditaduras na América do Sul nas décadas de 1960 e 1970 (dentre as quais, os regimes militares da Argentina, Chile e do próprio Brasil) e onde eram praticadas a prisão e a tortura dos opositores desses regimes. Por outro lado, a União Soviética que se apresentava como defensora da igualdade e inimiga da miséria, era controlada por um partido único, o Partido Comunista, cujos altos funcionários formavam uma elite privilegiada: usufruíam de luxos como produtos importados de boa qualidade enquanto a maioria da população era obrigada a enfrentar longas filas para comprar artigos de primeira necessidade que faltavam nas prateleiras.

O que são CIA e KGB?

CIA é a sigla de Central Intelligence Agency (Agência Central de Inteligência), a agência de espionagem do governo dos Estados Unidos. KGB eram as iniciais, em russo, do Comitê de Segurança do Estado, a antiga agência de espionagem da União Soviética. Além dos serviços de espionagem, a KGB também fazia o papel de polícia política, ou seja, reprimia qualquer tentativa de oposição ao governo soviético (o mesmo papel que a Gestapo, a polícia política de Hitler fazia na Alemanha nazista). O currículo da CIA também é cheio de "trabalho sujo": a CIA participou de golpes de Estado em vários países da América Latina, com aconteceu na Guatemala, em 1954.

O que foi a "corrida espacial"?

Foi uma disputa tecnológica entre os Estados Unidos e a União Soviética. Os feitos da corrida espacial eram também demonstrações de poder: a potência que desenvolvesse uma tecnologia capaz de enviar um homem ao espaço também seria capaz de desenvolver mísseis nucleares controlados a distância. Os feitos de cada superpotência eram explorados pela propaganda de cada governo. Afinal, cada lado, queria provar que seu sistema (capitalismo, no caso dos Estados Unidos, socialismo, no caso da União Soviética, era o melhor). Tanto os Estados Unidos quanto a União Soviética utilizaram, no início de seus programas espaciais, engenheiros alemães que trabalharam no desenvolvimento dos foguetes V-2, os temíveis mísseis balísticos usados pela Alemanha nazista durante a Segunda Guerra Mundial.

Qual dos dois países deu a largada na corrida espacial?

No início, quem tomou a dianteira na corrida espacial foi a União Soviética, que em 1957 lançou o primeiro satélite artificial, o Sputnik, e, no mesmo ano, a enviou o primeiro ser vivo ao espaço, a cadelinha Laika (que morreu lá mesmo). Também foi da União Soviética o feito de enviar o primeiro ser humano a viajar pelo espaço, o ucraniano Yuri Gagarin (na época, a Ucrânia era uma das repúblicas que compunham a União Soviética), no dia 12 de abril de 1961.

Mas foram os americanos que cruzaram a reta final?

Sim, o programa espacial norte-americano acabou superando o programa espacial soviético: no dia 20 de julho de 1969, o astronauta norte-americano Neil Armstrong tornava-se o primeiro homem a pisar na Lua. Um a curiosidade: enquanto os norte-americanos chamavam os tripulantes de suas espaçonaves de astronautas, os soviéticos chamavam os tripulantes das suas espaçonaves de cosmonautas.

O fim da União Soviética

Após o término da Segunda Guerra Mundial, a Europa entrou em um processo de reconstrução, e não demorou muito para ingressar em um intenso desenvolvimento industrial e econômico, salvo os países do leste Europeu que nesse mesmo período enfrentou sucessivas crises de caráter financeiro.

A crítica situação na qual a população convivia ocasionou o surgimento de inúmeros movimentos, decorrentes da imposição do sistema socialista que estava em vigor no bloco de países socialistas liderados pela União Soviética. Todas as formas de manifestações contra o governo e seu regime político era reprimido pelo uso da força, ordenados pelos líderes dos governos dos países em que tais fatos ocorriam, inclusive a União Soviética.

Na segunda metade da década de 80, o sentimento de insatisfação por parte da população atingiu a União Soviética, com isso foi necessária a implantação de inúmeras reformas no território.

Dentre as várias mudanças, uma delas era uma menor interferência por parte dos soviéticos no leste Europeu, desse modo os países que integravam o bloco socialista ganharam sua independência para buscar sua inserção em outras formas de governo, regime político e econômico.

Todas as medidas de mudanças desenvolvidas no leste europeu foram executadas de forma pacífica e levou ao desmembramento do bloco socialista na Europa, proveniente das decisões dos países que integravam o bloco em questão de não dar continuidade ao regime político-econômico oriundo da União Soviética, a partir desse ato buscou estabelecer medidas e reformas com intuito de integrar suas economias internacionalmente no mundo capitalista para que as respectivas nações alcançassem um maior desenvolvimento e oferecessem uma melhor qualidade de vida às suas populações.

Em toda fase de transição dos regimes de governos e a queda do socialismo aconteceram várias transformações e mudanças, no entanto, a mais importante delas ocorreu na segunda metade da década de 80, quando, em 1989, houve a queda do Muro de Berlim, esse fato marcou o fim da Guerra Fria e o começo da implantação de reunificação da Alemanha que no ano seguinte veio a ser executado.

Todas as transformações ocorridas no processo de desmembramento político geraram uma modificação nas relações diplomáticas entre os líderes das nações que integravam o bloco socialista e o governo da União Soviética. Além disso, houve uma intensa dispersão de sentimentos de autonomia na região, derivando a independência de várias Repúblicas em 1991, decretando assim o fim da União Soviética e do mundo bipolar.

A Federação Russa, devido o seu enorme arsenal militar foi designada pela comunidade internacional para ocupar o espaço da ex-União Soviética, reconhecida também pelo Conselho de Segurança Permanente da Organização das Nações Unidas.

Apesar da fragmentação da União Soviética e a unificação da Alemanha, a configuração cartográfica e geopolítica da região não terminou, pois logo depois houve a independência da Tchecoslováquia e da Iugoslávia. Com isso, fica evidente que o leste europeu ainda tem grandes possibilidades de outras fragmentações, principalmente derivados de divergência ética-religiosa.

A Perestroika e Glasnost

O governo de Mikhail Gorbachev à frente da União Soviética ocorreu entre 1985 e 1991, representando o fim da tentativa de construção do capitalismo de Estado soviético, chamado em alguns meios políticos de socialismo soviético.

As principais características da política interna do governo de Gorbachev estiveram relacionadas a duas palavras russas que indicavam as tentativas de mudanças no sistema soviético: **perestroika e glasnost**.

Em russo, **perestroika** tem o significado de reestruturação. A utilização da palavra tinha por objetivo indicar os caminhos a serem traçados para realizar mudanças estruturais na economia e na sociedade soviética. A economia da URSS não alcançou nas décadas de 1970 e 1980 os altos índices de crescimento econômico verificados em tempos anteriores. A situação era resultado do esgotamento das formas de organização social soviética, na qual a centralização política e econômica no Estado e no Partido Comunista impedia o desenvolvimento de mecanismos que garantissem o aumento da produtividade.

Já a palavra **glasnost** tem por significado transparência e foi utilizada para representar o processo de abertura política que pretendia Gorbatchev e o grupo de burocratas soviéticos que o auxiliava. Era uma tentativa de dar um pouco de transparência aos mecanismos de decisão política da URSS, rigidamente controlada pela *nomenklatura*, a classe de burocratas que controlava a sociedade soviética.

A perestroika e a glasnost eram, dessa forma, uma tentativa de Mikhail Gorbatchev de por fim à crise social pela qual atravessava a sociedade soviética. E essa crise estava relacionada com o próprio desenvolvimento da URSS.

No capitalismo, o aumento da produtividade é garantido principalmente com o aumento do consumo da classe trabalhadora. Isto se dá, pois, ao consumir os bens necessários à sua reprodução física, a classe trabalhadora impulsiona a produção material em todos os seus níveis, desde a agricultura, passando pela indústria, até os serviços que oferecem as condições para a efetivação desse consumo dos trabalhadores.

Porém, a classe trabalhadora não consegue esse aumento de consumo “de mão beijada”. Ela ocorre geralmente após lutas por aumentos de salário e melhorias nas condições de trabalho. Geralmente essas lutas acontecem através de greves ou outras mobilizações que pressionam os capitalistas a atenderem as reivindicações dos trabalhadores.

O aumento salarial quando é atendido diminui a margem de lucro dos capitalistas, que, por sua vez, são obrigados a encontrar maneiras de aumentar o seu lucro, para reproduzir a acumulação de capital, situação conseguida com o aumento da produtividade da classe trabalhadora. O aumento da produtividade é possibilitado, principalmente, através de inovações tecnológicas, necessitando, dessa forma, de investimentos em ciência e educação.

Porém, para que esse sistema funcione de forma a garantir a reprodução do lucro dos capitalistas, é necessário que os trabalhadores possam expressar minimamente suas insatisfações, substituindo a repressão aberta das forças policiais e estatais pela negociação, principalmente através de sindicatos.

Tal situação era verificada nos países da esfera de influência do capitalismo dos EUA. O que havia na URSS era a repressão aberta contra os trabalhadores. As medidas de Gorbatchev, a glasnost e a perestroika, pretendiam mudar esse cenário, garantindo uma maior liberdade aos trabalhadores, mas também às oposições existentes dentro da própria burocracia do Partido Comunista, buscando uma descentralização das decisões que estavam nas mãos da *nomenklatura*.

O que houve na URSS não foi o socialismo ou o comunismo. O que houve foi a existência de um capitalismo não baseado na propriedade privada. O capitalismo soviético era baseado na propriedade estatal. Os dois tipos de capitalismo se assemelham por manterem como base de seu funcionamento a exploração econômica e social da classe trabalhadora.

No capitalismo de propriedade privada, a classe exploradora geralmente é associada à burguesia. No capitalismo de propriedade estatal, a classe exploradora é a burocracia de Estado. Em ambos os tipos de capitalismo, os trabalhadores estão afastados do controle dos meios de produção e do processo de trabalho.

Gorbatchev pretendia com a perestroika e com a glasnost resolver a crise que atravessava a URSS, mas foi incapaz de conter a desagregação do sistema soviético. Em 1991, tinha fim a URSS. E o tipo de capitalismo desenvolvido na esfera de influência dos EUA aparecia ao mundo como o vitorioso de uma disputa que marcou o século XX.

A nova ordem mundial

A Nova Ordem Mundial – ou Nova Ordem Geopolítica Mundial – significa o plano geopolítico internacional das correlações de poder e força entre os Estados Nacionais após o final da Guerra Fria.

Com a queda do Muro de Berlim, em 1989, e o esfacelamento da União Soviética, em 1991, o mundo se viu diante de uma nova configuração política. A soberania dos Estados Unidos e do capitalismo se estendeu por praticamente todo o mundo e a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) se consolidou como o maior e mais poderoso tratado militar internacional. O planeta, que antes se encontrava na denominada “Ordem Bipolar” da Guerra Fria, passou a buscar um novo termo para designar o novo plano político.

A primeira expressão que pode ser designada para definir a Nova Ordem Mundial é a unipolaridade, uma vez que, sob o ponto de vista militar, os EUA se tornaram soberanos diante da impossibilidade de qualquer outro país rivalizar com os norte-americanos nesse quesito.

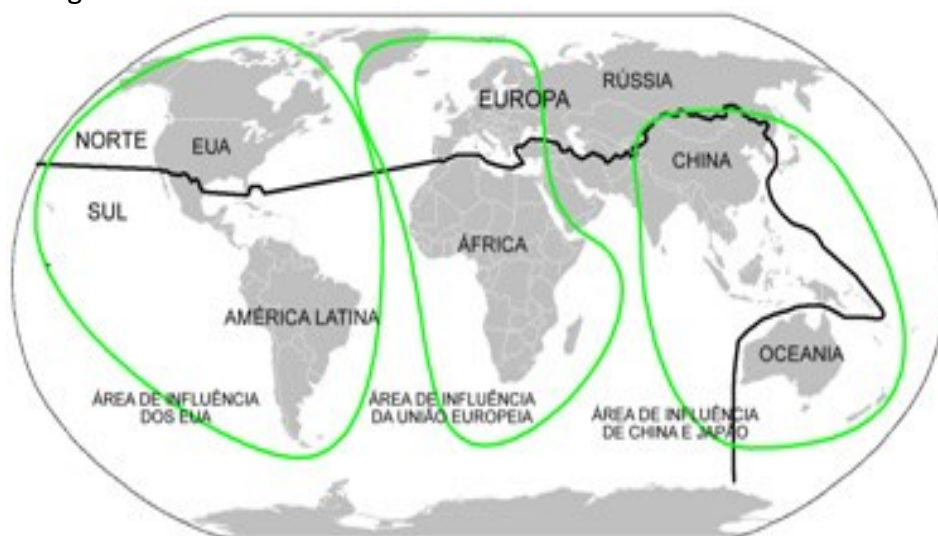
A segunda expressão utilizada é a multipolaridade, pois, após o término da Guerra Fria, o poderio militar não era mais o critério principal a ser estabelecido para determinar a potencialidade global de um Estado Nacional, mas sim o poderio econômico. Nesse plano, novas frentes emergiram para rivalizar com os EUA, a saber: o Japão e a União Europeia, em um primeiro momento, e a China em um segundo momento, sobretudo a partir do final da década de 2000.

Por fim, temos uma terceira proposta, mais consensual: a unimultipolaridade. Tal expressão é utilizada para designar o duplo caráter da ordem de poder global: “uni” para designar a supremacia militar e política dos EUA e “multi” para designar os múltiplos centros de poder econômico.

Mudanças na hierarquia internacional

Outra mudança acarretada pela emergência da Nova Ordem Mundial foi a necessidade da reclassificação da hierarquia entre os Estados nacionais. Antigamente, costumava-se classificar os países em 1º mundo (países capitalistas desenvolvidos), 2º mundo (países socialistas desenvolvidos) e 3º mundo (países subdesenvolvidos e emergentes). Com o fim do segundo mundo, uma nova divisão foi elaborada.

A partir de então, divide-se o mundo em países do Norte (desenvolvidos) e países do Sul (subdesenvolvidos), estabelecendo uma linha imaginária que não obedece inteiramente à divisão norte-sul cartográfica, conforme podemos observar na figura abaixo.



Mapa com a divisão norte-sul e a área de influência dos principais centros de poder

É possível perceber, no mapa acima, que a divisão entre norte e sul não corresponde à divisão estabelecida usualmente pela Linha do Equador, uma vez que os critérios utilizados para essa divisão são econômicos, e não cartográficos. Percebe-se que alguns países do hemisfério norte (como os Estados do Oriente Médio, a Índia, o México e a China) encontram-se nos países do Sul, enquanto os países do hemisfério sul (como Austrália e Nova Zelândia), por se tratarem de economias mais desenvolvidas, encontram-se nos países do Norte.

No mapa acima também podemos visualizar as áreas de influência política dos principais atores econômicos mundiais. Vale lembrar, porém, que a área de influência dos EUA pode se estender para além da divisão estabelecida, uma vez que sua política externa, muitas vezes, atua nas mais diversas áreas do mundo, com destaque para algumas regiões do Oriente Médio.

A “Guerra ao terror”

Como vimos, após o final da Guerra Fria, os Estados Unidos se viram isolados na supremacia bélica do mundo. Apesar de a Rússia ter herdado a maior parte do arsenal nuclear da União Soviética, o país mergulhou em uma profunda crise ao longo dos anos 1990 e início dos anos 2000, o que não permitiu que o país mantivesse a conservação de seu arsenal, pois isso custa muito dinheiro.

Em face disso, os Estados Unidos precisavam de um novo inimigo para justificar os seus estrondosos investimentos em armamentos e tecnologia bélica. Em 2001, entretanto, um novo inimigo surgiu com os atentados de 11 de Setembro, atribuídos à organização terrorista Al-Qaeda.



A tragédia de 11 de Setembro vitimou centenas de pessoas, mas motivou os EUA a gastarem ainda mais com armas.

Com isso, sob o comando do então presidente George W. Bush, os Estados Unidos iniciaram uma frenética Guerra ao Terror, em que foram gastos centenas de bilhões de dólares. Primeiramente os gastos se direcionaram à invasão do Afeganistão, em 2001, sob a alegação de que o regime Talibã que governava o país daria suporte para a Al-Qaeda. Em segundo, com a perseguição dos líderes dessa organização terrorista, com destaque para Osama Bin Laden, que foi encontrado e morto em maio de 2011, no Paquistão.

O que se pode observar é que não existe, ao menos por enquanto, nenhuma nação que se atreva a estabelecer uma guerra contra o poderio norte-americano. O “inimigo” agora é muito mais difícil de combater, uma vez que armas de destruição em massa não podem ser utilizadas, pois são grupos que atacam e se escondem em meio à população civil de inúmeros países.

Os planos da Guerra Fria

Ao final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o cenário político mundial testemunhava o período de maior tensão de sua história. De um lado, os Estados Unidos (EUA), uma potência capitalista; de outro, a União Soviética (URSS), uma potência socialista; em ambos os lados, armamentos com tecnologia nuclear que poderiam causar sérios danos a toda humanidade.

Ao final das contas, nenhum tiro foi diretamente disparado entre os dois lados do “conflito”, o que justifica o nome Guerra Fria. O que se pode dizer é que esse conflito foi marcado pelas disputas indiretas entre as duas potências rivais em busca de maior poderio político e, principalmente, militar sobre as diferentes partes do mundo.

Tal configuração ocorreu em função do fato de que uma guerra nuclear não seria vantajosa para nenhum dos blocos nela envolvidos. O mundo apenas conheceria o caos e o possível vencedor desse conflito não teria o que comemorar, pois somente haveria radiação e problemas estruturais no espaço geográfico do país derrotado. Por essa razão, o sociólogo Raymond Aron proferiu uma frase que ficou mundialmente conhecida: "A Guerra Fria foi um período em que a guerra era improvável, e a paz, impossível".

A Partilha da Alemanha

A Alemanha nazista foi a grande derrotada da Segunda Guerra Mundial e, com isso, teve o seu território dominado e controlado pelos países que formavam a base aliada durante o conflito: EUA, URSS, França e Inglaterra. Esses países, na Conferência de Potsdam, em 1945, dividiram o espaço alemão em duas principais partes: de um lado, a Alemanha Ocidental, dominada pelas nações capitalistas; de outro, a Alemanha Oriental, dominada pela União Soviética. A capital Berlim também ficou igualmente dividida. Observe o mapa abaixo:



Divisão da Alemanha após o término da Segunda Guerra Mundial

Plano Marshall x Plano Molotov

Não foi somente a Alemanha a prejudicada com a Segunda Guerra Mundial. Como esse evento aconteceu quase que inteiramente em território europeu, a maior parte dos países envolvidos sofreu severas consequências econômicas, sociais e estruturais. Em função dessa fragilidade, os Estados Unidos acionaram aquilo que foi chamado de Plano Marshall, em que grandes empréstimos foram concedidos a esses países para as suas reconstruções.

Essa postura era uma estratégia norte-americana para evitar que as nações europeias, em função de suas relativas fraquezas, sofressem intervenções dos soviéticos, além de ser uma ação para conter possíveis movimentos e revoluções socialistas internas. Com isso, os Estados Unidos consolidaram a sua base de influência naquilo que foi denominado de “Oeste Europeu”, ou Europa Capitalista, em oposição ao Leste Europeu, que era formado pelos territórios de domínio e influência soviéticos. Além do Plano Marshall, os Estados Unidos também criaram o Plano Colombo, que possuía a mesma função, só que o seu alvo eram os países asiáticos.

Entre os países que mais receberam ajuda dos estadunidenses, o Reino Unido lidera a lista, seguido, respectivamente, por França, Japão, Itália, Alemanha Ocidental, entre outros.

Em resposta ao Plano Marshall, a União Soviética elaborou o chamado Plano Molotov, com o igual objetivo de realizar uma ampla ajuda econômica aos outros territórios a fim de ampliar o seu espaço de influência pelo mundo. Esse ajuda financeira envolveu praticamente todos os países de influência socialista, como a Alemanha Oriental, Polônia, Bulgária, Cuba e muitos outros.

Doutrina Truman

A ameaça soviética tornou-se mais forte em virtude da situação frágil dos países europeus, que poderiam ser presas relativamente fáceis da influência da URSS. O primeiro a perceber essa situação de instabilidade foi Winston Churchill, estadista britânico, que iniciou fortes pressões junto aos Estados Unidos no sentido de desenvolver uma estratégia contra o avanço vermelho.

Diante dessa situação, o presidente estadunidense Harry Truman começou a elaboração de políticas que tinham como objetivo, interferir diretamente no avanço do comunismo e oferecer ajuda aos países que se encontravam em situações críticas. Em um discurso violento anunciado pronunciado em 12 de março de 1947 diante do Congresso Nacional, Truman afirmou: "...os povos livres do mundo olham para nós esperamos apoio na manutenção de sua liberdade...".

De fato, através da Doutrina Truman, os Estados Unidos passaram a interferir em todo conflito armado que tivesse como causa central, a relação entre capitalismo e socialismo. Um desses conflitos foi a Guerra da Coreia: de um lado, a Coreia do Sul, apoiada pelos Estados Unidos; de outro, a Coreia do Norte, apoiada pela União Soviética. Outra política que foi adotada com base e com os mesmos objetivos da Doutrina Truman foi o Plano Marshall, que visava auxiliar os países que se encontravam frágeis economicamente devido à Segunda Guerra, no entanto, a real intenção estadunidense talvez fosse a de criar vínculos com esses países, dificultando o envolvimento deles com a potência socialista.

OTAN x Pacto de Varsóvia

Em um cenário que favorecia cada vez mais a tensão entre os dois blocos de poder durante a Guerra Fria, a organização de instituições e pactos militares era imprescindível por ambas as partes.

Com isso, do lado capitalista, foi fundada a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), que ainda existe e é uma das instituições mais poderosas da atualidade. Já do lado socialista, foi fundado o Pacto de Varsóvia. Essas organizações funcionavam da seguinte forma: caso um de seus países-membros fosse atacado, as demais partes deveriam imediatamente intervir ou enviar ajuda. Isso colaborou para a emergência dos vários combates indiretos que ocorreram durante esse período, a exemplo da Guerra das Coreias (1950-1953) e a Guerra do Vietnã (1959-1975).

Com essas ações e intervenções por parte dos dois blocos de poder, houve uma divisão do espaço territorial mundial, que se deu de modo mais concentrado nos países da Europa, que protagonizou a chamada Cortina de Ferro, que dividia os territórios socialistas dos capitalistas.



Ilustração da divisão do espaço europeu pela Cortina de Ferro